

**Etnografia de tela: A representação do
racismo estrutural através do filme M8 –
Quando a morte socorre a vida e a
valorização da Lei Nº 10.639/2003**

KEILA MANUELLE ALVES GOMES

Recife
2021

KEILA MANUELLE ALVES GOMES

Etnografia de tela: A representação do
racismo estrutural através do filme M8 –
Quando a morte socorre a vida e a valorização
da Lei N^o 10.639/2003

Monografia apresentada junto à
Unidade de Educação a Distância e
Tecnologia – EADTec/UFRPE como
requisito parcial para conclusão do curso
de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Ma. Lilian Débora
Barros

Coorientador: Me. Alfredo Taunay
Colins

Recife
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G633e GOMES, KEILA
Etnografia de tela: A representação do racismo estrutural através do filme M8 – Quando a morte socorre a vida e a valorização da Lei Nº 10.639/2003 / KEILA GOMES. - 2021.
42 f.
- Orientadora: Profª Ma Lilian Debora de Oliveira Barros.
Coorientador: Profª Me Alfredo Taunay Colins de .
Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Artes Visuais, Recife, 2021.
1. Educação Lei 10.639/03. 2. Cinema. 3. M8-Quando a morte socorre a vida. 4. Racismo Estrutural. 5. Etnografia de tela. I. Barros, Profª Ma Lilian Debora de Oliveira, orient. II. , Profª Me Alfredo Taunay Colins de, coorient. III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

Keila Manuelle Alves Gomes

Etnografia de tela: A representação do racismo estrutural através do filme M8 – Quando a morte socorre a vida e a valorização da Lei Nº 10.639/2003

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em 25/08/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Ma. Lilian Débora de Oliveira Barros (UFRPE)
Presidente e Orientadora

Prof^a. Me. Alfredo Taunay Colins de Carvalho (UBI)
Coorientador

Prof. Dr. Felipe de Brito Lima (UFRPE)
Examinador

Prof. Dr^a. Morgana Gama (UFBA)
Examinadora

Dedico esta monografia aos meus pais Maria Jose Alves Gomes e Antonio Inacio Gomes que sempre foram exemplo de perseverança e incentivo e que sempre me ensinaram que a educação é o melhor caminho para lutar por tudo aquilo que acredito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família principalmente meus pais, a meus orientadores Lilian Débora Barros e Alfredo Taunay Colins pelo incentivo e por todo o apoio dado nas horas difíceis. Ao meu marido Bruno Benedicto Santana da Rocha Silva pela amizade, pelo apoio, companheirismo vivenciadas nesta caminhada.

Expresso também minha gratidão a UFRPE e a Coordenação do curso licenciatura em artes visuais - UAEADTec/UFRPE, que contribuíram decisivamente para minha formação. A aos meus professores pelo apoio e cuidado ao longo desta caminhada, e pelos ricos momentos de aprendizagem proporcionados.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o racismo estrutural e a busca pela valorização e reconhecimento da lei nº 10.639/2003 através da etnografia de tela do filme *M8 – Quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019). A partir de uma compreensão da formação social do povo negro e sua relação com a sociedade através do cinema, refletindo sobre racismo estrutural pela ótica dessa produção cinematográfica. Onde temos Mauricio um jovem negro periférico de religião de matriz africana, aluno cotista em uma universidade pública de medicina tendo que passar por várias provações e situações em sua vida pessoal, acadêmica e religiosa. O referencial teórico contemplou discussões acerca de uma visão sobre questões de identidade, diferença e representação pensando em possibilidades contra hegemonia, buscando uma perspectiva sobre cinema e racismo estrutural e como o cinema pode contribuir para uma crítica, desenvolvendo caminhos para que os educadores possam construir um espaço de debates, reflexões e questões da identidade étnico-racial. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em utilizar a etnografia de tela. Primeiro fizemos uma decapagem, processo que consiste em dividir o filme por cenas ou sequencias mais adequadas a serem trabalhadas, para então começarmos o procedimento analítico partindo da relação entre as cenas e o racismo estrutural representados no filme.

Palavras-chaves: Lei 10.639/03; Cinema; M8-Quando a morte socorre a vida; Racismo Estrutural; Etnografia de tela; Educação.

ABSTRACT

This research has the purpose reflect on societal racism and search for valuation and recognition of the law number 10.639/2003 through the screen ethnography of the M8 - When the death helps the life movie. To understand the black people's social formation and their relationship with the society through the cinema, reflecting about societal racism across the cinematographic production eyes. Mauricio is an outskirts black man with an African religion, racial quota holder, a student at a public medical school, and experiencing trials and situations in his personal, religious, and academic life. The theoretical background revealed discussions about identity, difference, and representation thinking on possibilities against hegemony, looking for one perspective about cinema and societal racism. Moreover, understanding how the cinema can contribute to the criticism, developing ways for professors to build a debate environment, reflections, and discuss racial/ethnic identity.

The methodology adopted consists of reuse screen ethnography.

First, taking an interview with decoupage, which consists in segmented the movie into some group of scenes to facilitate work on them. Then, the analytic procedure starts with the relationship between the scenes and the societal racism reflected in the movie.

Key words: Law 10.639 / 03; Movie theater; M8 - When the death helps the life; societal racism; screen ethnography; education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	RACISMO ESTRUTURAL	12
2.1	COLONIALISMO	13
2.2	RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL	14
2.3	A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA BRASILEIRO.....	17
2.4	CINEMA COMO RESPOSTA AO RACISMO ESTRUTURAL.....	19
2.5	BUSCA PELA VALORIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DA LEI Nº 10.639/2003 ATRAVÉS DO CINEMA.....	22
3	ESTUDO EMPÍRICO	24
3.1	OBJETIVOS.....	24
3.1.1	Objetivo Geral	24
3.1.2	Objetivos específicos.....	24
3.1	ETNOGRAFIA DE TELA COMO METODOLOGIA.....	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1	ETNOGRAFIA DE TELA DAS CENAS	29
4.1.1	C1 - Primeiro dia de aula de Maurício.....	29
4.1.2	C2- Conversa com funcionários.....	31
4.1.3	C3 - Abordagem policial	32
4.1.4	C4 - Conversa entre mãe e filho	34
4.1.5	C5 - Enterro do M8.....	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa tem o objetivo de refletir sobre o racismo estrutural e a busca pela valorização e reconhecimento da lei nº 10.639/2003 através do recorte da produção cinematográfica nacional na perspectiva da arte e da cultura do povo Afro-brasileiro. Trazendo reflexões através de uma etnografia de tela do longa *M8 – quando a morte socorre a vida* (Jeferson, 2019) e fazer uma relação com o conceito apresentado por Almeida (2019) sobre racismo estrutural perante a história ao longo dos séculos na sociedade brasileira, do colonialismo até os dias atuais e como o movimento negro, a economia, a política e o direito influenciaram e influenciam o modo como o povo preto é retratado no cinema. Desenvolvendo uma discussão sobre o combate ao racismo estrutural através do cinema usando a etnografia de tela como metodologia.

Este projeto de pesquisa está estruturado em cinco capítulos, sendo a introdução o primeiro, no segundo discutimos sobre racismo estrutural e como os europeus criaram o conceito de raça e racismo como conhecemos hoje pelos conceitos iluministas e eugenistas da época fazendo uma relação com o conceito apresentado por Almeida (2019) de racismo estrutural. No subcapítulo colonialismo e racismo estrutural no Brasil buscamos apresentar a formação da sociedade brasileira a parti da colonização até os dias atuais e como os negros foram primeiro escravizados e subjugados e com os planos de modernização do país foram amplamente esquecidos e excluídos, deixados à margem de uma sociedade sem políticas públicas direcionada a eles. Ainda no capítulo dois, nos subcapítulos a representação do negro no cinema brasileiro e cinema como resposta ao racismo estrutural e a busca pela valorização e reconhecimento da lei nº 10.639/2003 através do cinema, discutimos como o povo negro ganhou espaço no audiovisual com a ascensão da “classe média negra” e o posicionamento dos movimentos sociais negro e como a publicação do manifesto Dogma Feijoadá aumentou a visibilidade e representatividade do negro no cinema nacional transformando o mesmo em uma importante

ferramenta educacional construindo um espaço onde os estudantes discutam sobre relações étnico-raciais. No capítulo três foram apresentados os percursos metodológicos e os objetivos da pesquisa. No capítulo quatro foram apresentados os resultados e discussão através da aplicação de um estudo etnográfico de tela do filme *M8- Quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019) fazendo uma relação com o conceito apresentado por Almeida (2019) sobre racismo estrutural. Para finalizar, no último capítulo é apresentado as considerações finais dessa pesquisa. Sendo assim, essa pesquisa busca refletir sobre a lei nº 10.639/2003 considerando o cinema nacional como parte importante do universo negro podendo ser trabalhada com uma importante ferramenta educacional.

2 RACISMO ESTRUTURAL

Ao falarmos sobre Racismo, vale ressaltar que foi através dele que a raça foi inventada (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996). Essa afirmação está baseada na ideia de que o racismo é um processo histórico, mutável, que se adapta e cria uma sociedade.

O significado de raça como conhecemos hoje começou a ser criado a partir do século XVI e só ganhou o sentido atual no século XVIII. No século XVI a raça é criada como forma de classificação de seres como animais e plantas, e só depois passou a classificar o ser humano (ALMEIDA, 2019; MUNANGA, 2004). Com a chegada do iluminismo começa a se formar o conceito de raça como conhecemos (PEREIRA, 1993), os discursos iluministas eram cheios de desprezo a tudo aquilo que não era parte da cultura europeia e esse desprezo foi direcionado principalmente ao povo negro. Para exemplificar, destacam-se dois exemplos de discursos aplicados para essa época:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um Negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. [...] Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas (KANT, 1990, pp. 75-76 apud ANDRADE, 2017, p. 302).

Os percebemos com os mesmos olhos que vemos os negros, como uma espécie de homem inferior (VOLTAIRE, 1963, p. 294 apud ANDRADE, 2017, p. 302).

Então com a chegada da modernidade foi construída a concepção de raça e de racismo, definido por um sistema de privilégios e sendo reproduzido na economia, política e relações cotidianas, e assim ele ganha um caráter classificatório criando três concepções de racismo: individualista, institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019). Almeida (2019) relaciona cada uma das

concepções a um critério específico. O individualista é a relação entre racismo e subjetividade, o institucional é a relação entre racismo e Estado e o estrutural é a relação entre racismo e a economia.

Porém, o filósofo e advogado Silvio de Almeida afirma que o racismo é uma tecnologia de poder e partindo desse conceito ele afirma que todo racismo é estrutural:

O racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea. De tal sorte, todas as outras classificações são apenas modos parciais – e, portanto, incompletos – de conceber o racismo. (ALMEIDA, 2019, p. 15)

Com base nessas afirmações é possível perceber que o racismo foi criado pelo direito, economia e política e sem eles o racismo não existiria. Através do Direito que foram criadas leis de submissão, violação e segregação do povo negro. Já na economia o negro é colocado a margem da sociedade onde o estado não se importa com a mudança desse cenário. Na política, não existe legitimação nas políticas públicas de direitos do povo negro (ALMEIDA,2019).

Assim, entendemos que o racismo seja um problema que nasceu na base dessas estruturas e para combatê-lo de maneira proporcional é necessário políticas públicas e uma instituição governamental que realmente se importe com a causa, além de ser necessário dar mais espaço aos movimentos sociais.

2.1 COLONIALISMO

Antes de discutirmos sobre racismo estrutural no Brasil é importante refletir sobre o colonialismo, pois foi durante ele que chegaram os negros

africanos no Brasil na posição de escravizados. Eram colocados como mão de obra de trabalho, principalmente na agricultura e em trabalhos que se exigia uma grande quantidade de esforço físico.

Podemos definir que o colonialismo é uma ação de dominação de um povo sobre outro, baseado na exploração e saque das riquezas, onde acontece um processo de desumanização e negação da identidade e diversas formas de domínio político militar. A justificativa para este modo de dominação era a de proporcionar a civilização para esses povos a qual eles consideravam bárbaros, sem educação ou cultura, levando o progresso para aquele determinado local (MENESES,2018).

É calculado que foram retirados da África cerca de 12,5 milhões de africanos na condição de escravos entre 1501 e 1870 (MARIUZZO, 2011). O Brasil tem a vergonhosa marca de ter sido o maior território escravista do hemisfério ocidental, além de ter sido o último a extinguir o tráfico negreiro através da Lei Eusébio de Queirós, de 1850. E por meio da Lei Áurea, em 1888, foi o último país a abolir a escravidão, tendo recebido 38% a 44% da quantidade absoluta de africanos obrigados a deixar o continente. (SCHWARCZ, 2018).

Com o final da escravatura não existia nenhum mecanismo ou política para apoiar os negros libertos para ingressarem em uma sociedade livre. Isso fez com que o povo negro vivesse marginalizado, levando-o à contínua pobreza. Sem apoio, vivendo através de trabalhos análogos a escravidão, sem direito a educação, participação política ou a moradia essa população criou as periferias (favelas), em áreas que eram afastadas dos bairros centrais da cidade (MARINGONI, 2011).

2.2 RACISMO ESTRUTURAL NO BRASIL

Com os planos de modernização no Brasil os negros foram amplamente esquecidos e excluídos, mesmo porque a sociedade era influenciada por eugenistas como Nina Rodrigues (médico legista, psiquiatra, professor, escritor, antropólogo e etnólogo) e Monteiro Lobato (escritor) que

acreditavam que a miscigenação era um atraso para o país, por isso eles afirmavam que a solução para a modernização do país era embranquecer a sociedade brasileira.

Gilberto Freyre, em *Casa-grande & senzala* (1933), levanta a tese que se fixou no imaginário da sociedade brasileira conhecida como “o mito da democracia racial”, segundo a qual nossa sociedade não tem discriminação, levando a crer que não existem barreiras legais, culturais ou étnicas. Para Freyre (1933), a mestiçagem era algo que uniria os diversos povos que aqui viviam (negro, índios e portugueses etc.). É possível perceber em *Casa-grande & senzala* (1933) que não se trata apenas de questões morais, é muito mais complexo que isso. Existia uma ideia de falsa harmonia entre os povos, onde os brancos davam oportunidades aos “mulatos” a quem tinham afeto e que não os desafiavam.

A realidade jurídica pós-abolição em nada ajudava o povo negro a ser aceito pela sociedade, visto que eles não tinham direitos a voto ou de se defenderem juridicamente. Foi então que surgiu a falsa ideia de meritocracia, onde teoricamente os brancos e os negros seriam iguais em oportunidade e recursos.

Nesse mesmo momento histórico surgiu o estereótipo sobre o povo negro. Grada Kilomba apresenta uma explicação em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (2008):

Esse fato é baseado em processos nos quais partes citadas da psique são projetadas para fora, criando o chamado "Outro", sempre como antagonista do "eu" (self). Essa cisão evoca o fato de que o sujeito branco de alguma forma está dividido dentro de si próprio, pois desenvolve duas atitudes em relação à realidade externa: somente uma parte do ego - a parte "boa", acolhedora e benevolente - é vista e vivenciada como "eu" e o resto - a parte "Má" rejeitada e malévola - é projetada sobre a/o "Outra/o" como algo externo. O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violenta/o, a/o bandida/o indolente e maliciosa/o. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e

vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos. (KILOMBA, 2008, p. 34).

Todos esses fatores levaram ao racismo estrutural no Brasil. Libertar os escravizados sem nenhuma política pública para integrá-los à sociedade e deixando-os jogados à sua própria sorte, trouxe consequências pejorativas ao povo negro, que foram impregnadas e reproduzidas ao longo dos séculos até hoje perante a sociedade.

Como citado anteriormente, segundo Almeida (2019), todo racismo é estrutural e ele permeia por todas as esferas da sociedade, seja política, jurídica ou social. Ele é resultado de uma sociedade que teve uma base escravocrata, que não buscou a integração dos libertos, deixando-os sujeitos a uma situação marginalizada e culpando-os pelo próprio sofrimento.

Segundo o IBGE, hoje 56,10% da população brasileira declara-se como preta ou parda. Porém, e me colocando como parte desta parcela da população, ainda hoje somos discriminados, continuamos vivendo em periferias com péssimas condições de moradia, sem saneamento básico, coleta de lixo e água encanada. Estamos sujeitos, na maioria das vezes, a trabalhos que exigem esforço físico, com uma maior carga horária trabalhada e recebendo os menores salários. Falando sobre o extermínio e o encarceramento do povo preto, conforme a revista Pontes (2020), a chance de um jovem negro morrer é três vezes maior que a de um branco e a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil. O 13º Anuário da Violência, compilado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública no ano de 2019, diz que, no ano de 2018, 75,4% das vítimas de morte por policiais eram de pessoas pretas ou pardas, na maioria jovens do sexo masculino. Sobre as mulheres negras a pesquisa revela que a porcentagem de feminicídio chega a 61% das vítimas e 50,9% das vítimas de estupro. Dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), realizado em 2016, mostram que 65% da população carcerária brasileira é composta por pretos e pardos.

Os pontos aqui apresentados mostram como as leis antirracistas não são efetivas, apesar do Estatuto da Igualdade Racial tentar ampliar e direcionar juridicamente políticas públicas para uma efetivação das leis antirracistas, para

diminuição da desigualdade racial no acesso a direitos, serviços e oportunidades. Um exemplo disso é a Lei de Cotas, Lei nº 12.711/2012, que dá o direito a reserva de vagas em universidades federais para estudantes de escolas públicas, negros, indígenas e quilombolas, e a Lei nº 12.990/14, que estabelece o direito a cotas para negros e pardos nas vagas em concursos federais.

Porém, entendemos ser igualmente necessário que, além das leis antirracistas terem sido promulgadas, elas sejam de fato efetivas, havendo sua promoção e cumprimento.

2.3 A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA BRASILEIRO

Até hoje a academia não entrou em consenso do que seria “cinema negro brasileiro”, por isso exemplificamos seus conceitos a partir do manifesto Dogma Feijoada do cineasta Jeferson Rodrigues de Rezende (conhecido pelo nome artístico Jeferson De). Segundo ele, o filme tem de ser dirigido, realizado e protagonizado por negro brasileiro. A temática do filme precisa ser relacionada com a cultura negra brasileira, o roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro. Super-heróis ou bandidos deverão ser evitados e principalmente personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos.

A primeira vez que se tem registro do tema cinema de “assunto negro” foi durante o surgimento do cinema novo, que se iniciou na década de 1960 e lançou diretores renomados como Glauber Rocha e Cacá Diegues (NEVES, 2018). O cinema novo foi responsável por criar uma nova estética para o cinema nacional, subvertendo todos os conceitos. No entanto, o movimento não atendeu a necessidade da representatividade do povo negro. Então o Cinema Negro surge para reivindicar a ocupação de espaços cujo protagonismo no audiovisual foi, historicamente, negado às pessoas negras (VENTURA, OLIVEIRA, BORGES, 2020).

O Cinema Negro marca, então, um posicionamento diferenciado de cineastas diante da representação do indivíduo e da coletividade negra, que refuta um modelo hegemônico reprodutor de uma inferiorização dos

afrodescendentes. Busca, portanto, um reposicionamento do negro, em uma postura de afirmação estética e cultural, contrapondo-se à hegemonia eurocêntrica (PRUDENTE, 2006, p. 49). Na década de 1970 começou a primeira onda dos diretores negros brasileiros, nomes como Odilon Lopes e Antônio Pitanga. Um dos principais acontecimentos que levaram a criação do Cinema Negro foi o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Esse evento causou impacto, não só no país, mas também em outros como foi o caso do Brasil.

Como citado anteriormente, o manifesto *Dogma Feijoada* foi um importante divisor de águas no cinema brasileiro:

De forma irônica, Jeferson De parodiou o nome de um manifesto lançado em Copenhague em 1995, intitulado *Dogma 95*, pelos diretores dinamarqueses Lars von Trier e Thomas Vintberg que criticavam os blockbusters propondo um cinema experimental. Esse manifesto ditava dez linhas gerais – que ficaram conhecidas como “votos de castidade” – que as produções fílmicas deveriam seguir para se tornar mais realistas. A provocação de Jeferson De continuou, ao conferir ao “seu dogma” o nome de “feijoada”, para se referir aos cineastas negros. Enquanto o “dogma europeu” remetia a uma rigidez, o “dogma tupiniquim” era flexível, permitia transgressões, como a própria feijoada, prato da culinária afro-brasileira que aproveita ingredientes tidos como menos nobres e que se tornou uma marca de brasilidade (CARVALHO, DOMINGUES, 2018, p. 5 apud. VENTURA, OLIVEIRA, BORGES, 2020, p. 296).

No livro *A negação do Brasil*, de Joel Zito Araújo (2000), o autor enumerou os cinco estereótipos básicos do cinema industrial que são comuns no cinema estadunidense e que são reproduzidos no cinema nacional:

- 1) o “mulato trágico”, que vivia ansiando o modo de vida do branco, o que invariavelmente não tinha um bom desfecho;
- 2) o “Tom”, negro dócil que “sabe o seu lugar” e não raramente defendia seu senhor;
- 3) a “Mammie”, versão feminina do Tom, amiúde interpretada por mulher gorda, misto de ama de leite e governanta, que nutre carinho pelos patrões pois se entende parte da família;
- 4) o “coon”, malandro,

vadio, desocupado, indolente, boêmio; 5) o “buck”, negro brutal, animalizado e hipersexualizado (ARAÚJO, 2000, p. 47-51).

E foi contra esses estereótipos racistas que o Manifesto Dogma Feijoada se posicionou. O festival de cinema de Brasília, em 2017, foi um grande marco recente diante do cinema nacional e como os filmes estereotipados que representam o negro são recebidos pelo público e pela crítica. Um exemplo disso foi o filme *Vazante* (2017), da diretora Daniela Thomas. O debate acerca do filme levantou polêmica por ter uma visão romantizada da época da escravidão no Brasil. Isso mostra que o debate diante do cinema negro vem ganhando espaço e que os estereótipos negros no cinema não estão sendo simplesmente aceitos e sim estão sendo debatidos por toda a academia.

2.4 CINEMA COMO RESPOSTA AO RACISMO ESTRUTURAL

Foi no final da década de 1990 que os movimentos sociais negros no Brasil ganharam mais visibilidade e se formou a chamada “classe média negra”, grupo formado por trabalhadores que buscaram por uma formação superior, ampliando o universo de consumo sempre buscando algo que identifique os seus, fazendo com que adquiram visibilidade institucional. Juntamente a esses fatos a produção de filmes com a temática negra começou a ganhar espaço na cena artístico-cultural brasileira (PRAXEDES, 2003). Isso foi fundamental para o crescimento da multiculturalidade e a diversidade étnico-racial cultural do audiovisual brasileiro.

Porém, ainda faltam estudos acadêmicos voltados para a produção audiovisual brasileira contemporânea. Talvez isso possa ser explicado pelo fato de que na década de 1990, quando o então presidente Fernando Collor de Mello assume a presidência do Brasil e decreta o fechamento da Embrafilme – a empresa estatal responsável por patrocinar a produção e garantir a distribuição e exibição dos filmes nacionais. Essa medida causou impactos ao cinema nacional, uma vez que as produções foram reduzidas

significativamente e só conseguiram se reerguer quando as leis fiscais de incentivo à cultura foram aprovadas (Lei Rouanet e a Lei do Audiovisual), impulsionando o setor audiovisual. Com esse impulsionamento o cinema nacional cria um modo de representação da diversidade, buscando mostrar diferentes nichos do mercado cinematográfico brasileiro.

A nova fase do cinema nacional não trouxe muitas mudanças em suas narrativas e nem em como o negro era representado, pelo contrário, o que estava acontecendo era um embranquecimento (STAM, 2008). Os negros normalmente eram excluídos ou apareciam em papéis secundários, enquanto as pessoas brancas eram representadas sempre em papéis de destaque. Não existia atenção para o multiculturalismo ou para diversidade racial no cinema nacional. Na TV não era diferente, a representação do negro nas novelas era sempre secundária, como empregada doméstica, motorista ou escravos. E nas propagandas quase inexistentes.

Com as ações do movimento negro as mudanças nas iniciativas começaram a aparecer no setor audiovisual. Era pauta constante dentro do movimento negro a representação do povo afro-brasileiro nos meios de comunicação, sempre pautado nas instancias do estado e da sociedade civil a necessidade da representação da diversidade racial através das mídias e a ressignificação da imagem do povo preto diante da sociedade (CARVALHO, DOMINGUES, 2018). Com esse objetivo seminários e congressos do movimento foram surgindo para debater o tema e propor ações como cotas raciais. Exemplo disso foi o seminário internacional “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados modernos e democráticos contemporâneos”, organizado pelo Ministério da Justiça em 1996. Essa movimentação sensibilizou parte da opinião pública. Porém, todos esses esforços não conseguiram mudar a configuração do cinema brasileiro. Mas todo esse movimento serviu para dar mais força à cena racial como pauta no audiovisual.

A partir de todo esse movimento os cineastas negros brasileiros passaram a questionar a produção nacional e como os afro-brasileiros eram

representados no cinema, chegando à conclusão que era necessário o surgimento de um cinema negro nacional.

Para exemplificar esta afirmação, no ano 2000 a programação do 11º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo foi aberta com um debate sobre a imagem do homem negro no cinema nacional. Durante o evento que foi lançado o manifesto Dogma Feijoadá, escrito pelo cineasta Jeferson De, então estudante do curso de cinema na Universidade de São Paulo (USP). O movimento buscou produzir filmes focados na temática racial e tinham que seguir os seguintes pontos: o filme tem de ser dirigido e realizador por negro brasileiro; o protagonista deve ser negro; a temática do filme tem de estar relacionada com a cultura negra brasileira; o filme tem de ter um cronograma exequível. Filmes-urgentes¹; personagens estereotipados negros (ou não) estão proibidos; o roteiro deverá privilegiar o negro comum brasileiro; super-heróis ou bandidos deverão ser evitados.

O manifesto foi recebido de maneira polêmica e controversa. Suas propostas que exaltavam a imagem do negro no cinema em alguns momentos foram vistas ora como imitação ao Dogma 95, criação dos europeus, ora como mandamentos fundamentalistas, ora julgavam que o Jeferson queria se autopromover. Enquanto Cacá Diegues recebeu as propostas do Dogma Feijoadá com entusiasmo, Sylvio Back as (des)classificou de “sectárias” e “racistas”, por açular um tipo de separatismo racial que, a seu ver, era incompatível com a tradição cultural brasileira (O Estado de S. Paulo, 2001).

Todos esses pontos causaram polêmicas e controvérsias no meio cinematográfico. Porém, conseguiu atingir seu objetivo, influenciando a produção cinematográfica contemporânea de cineastas autodeclarados afro-brasileiros.

¹ Filmes Urgentes - Expressão utilizada em festivais e autores da área fílmica (MONTEIRO, 2016; CARVALHO, 2005; FREITAS, 2019) para categorizar uma seleção de filmes com temas sociopolíticos.

2.5 BUSCA PELA VALORIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DA LEI Nº 10.639/2003 ATRAVÉS DO CINEMA

Nosso país tem como base a cultura negra, indígena e europeia. Sabemos que essas três etnias estão presentes no nosso cotidiano, mesmo que não percebamos isso. Como por exemplo, na fala, nos alimentos, nas roupas, entre outros. Antes da colonização existiam quase 6 milhões de índios em todo território do Brasil, e foram trazidos da África cerca de 12,5 milhões de africanos chegando ao Brasil pouco mais de 6 milhões. Hoje existem cerca de 300 mil Índios (MARIUZZO,2011). Segundo o IBGE 56,10% entre as pessoas que se declaram negras no Brasil 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Diante desses dados, compreendemos que é importante que tenhamos mais atenção sobre os hábitos, as tradições e crenças. É necessário pensar que somos um país miscigenado cultural e etnicamente. A inclusão da Lei 10.639/03 e, depois, com sua ampliação através da Lei 11.645/08, modificou a Lei de Diretrizes da Educação Brasileira, e passou a ser obrigatório todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, o ensino da “História da África e dos Africanos”, especialmente nas áreas de Arte, Literatura e História Brasileiras, introduzindo discussões acerca de ações para dar suporte a essas diretrizes.

A história do cinema brasileiro é vista como um espelho da sociedade e mostra sua evolução cultural na construção da imagem de um povo afrodescendente. O cinema negro se torna um instrumento de construção de uma imagem positiva e mostra a afirmação do povo negro (CARVALHO, DOMINGUES, 2018).

Como o cinema nacional é uma importante ferramenta educacional em 27 de junho de 2014 a Lei 13.006/2014 foi promulgada tornando obrigatório a exibição de filmes de produção nacional no componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais, contemplando escolas públicas e particulares.

Assim, entendemos que é necessário promover ações educacionais para buscar soluções que garantam o direito de um povo que precisa ser protegido e respeitado.

3 ESTUDO EMPÍRICO

3.1 OBJETIVOS

3.1.1 Objetivo Geral

O Objetivo geral desta pesquisa foi refletir sobre o racismo estrutural e a busca pela valorização e reconhecimento da lei nº 10.639/2003 através da etnografia de tela do filme *M8 – Quando a morte socorre a vida* (2019), do cineasta afro-brasileiro Jeferson De.

3.1.2 Objetivos específicos

- Compreender a formação social do povo Afro-brasileiro e sua relação com a sociedade através do cinema.
- Discutir sobre o racismo estrutural e o recorte da produção cinematográfica nacional na perspectiva da arte e da cultura do povo Afro-brasileiro.
- Desenvolver uma discussão sobre o combate ao racismo estrutural através do uso do cinema na educação.

3.1 ETNOGRAFIA DE TELA COMO METODOLOGIA

A etnografia de tela é uma metodologia de pesquisa na antropologia e parte do ponto das mudanças no viés pós-estruturalista no campo de humanas, estudos culturais, teorias descoloniais, teoria *queer*, entre outras (RIAL, 2005). Originalmente definido pela jornalista Carmem Rial (2004), o método foi criado para analisar produções midiáticas, principalmente obras televisivas.

As estratégias da etnografia são: uma longa imersão no campo de estudo pelo pesquisador, é preciso ter uma observação sistemática e variada e é extremamente necessário um registro em caderno do campo a ser estudado. Transportando esses princípios para a etnografia de tela realizam-se os seguintes passos: longa imersão no filme, observação sistemática e variada do

filme, registro no caderno de cenas articulando a representação fílmica com um determinado referencial teórico (COLINS, LIMA, 2020). É nesse sentido que nos transportamos para realizar uma etnografia de tela em que a película é o nosso objeto de estudo. A tela, pela tela e através dela constituímos significados e possibilidades de relacionar o instrumento fílmico com os discursos que circundam os meandros do social (SANTOS, RIBEIRO, 2018).

O termo etnografia de tela vem da expressão *Screen Studies* (Estudo de tela) e surgiu a partir de uma necessidade de definir e ampliar o campo da antropologia visual. Se viu necessária uma investigação acerca da produção áudio visual para fim de registro, podendo assim ter um material para análise além do trabalho em campo expandindo o objeto de estudo (COLINS, LIMA, 2020).

Através dessa metodologia vamos analisar o filme *M8 – quando a morte socorre a vida* (Jeferson De, 2019) e como o racismo estrutural está sendo representado em suas cenas. O filme foi adaptado do livro *M8 – Quando a morte socorre a vida*, do autor Salomão Polakiewicz. O livro de Polakiewicz foi lançado em 1996 e conta a história de Mauricio, um aluno negro periférico que entra como bolsista em uma universidade de medicina, onde passa por diversas situações que um estudante branco nunca passaria. Polakiewicz conta em uma entrevista para o portal *O Tempo*²que:

Escrevi o livro como uma denúncia do racismo vigente, e foi também um desabafo. Com o tempo, a desigualdade ficou ainda mais evidente pelas observações colhidas, sobretudo, no meu trabalho. Fui clínico geral, o que me propiciou conhecer a intimidade de inúmeras pessoas (POLAKIEWICZ, 2021).

Na adaptação fílmica a história se passa em tempos atuais e retrata a história de Mauricio, aluno cotista, negro e periférico do Rio de Janeiro que entra em uma universidade pública renomada, a UFRJ. Na época em que o livro foi escrito ainda não existia a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012). Dando

² A entrevista pode ser lida na íntegra através do link: <https://www.otempo.com.br/diversao/m-8-quando-a-morte-socorre-a-vida-livro-que-virou-filme-e-de-medico-mineiro-1.2481068>

ênfase à realidade dos alunos cotistas em universidades federais, o diretor Jeferson De decidiu adaptar para um viés mais atual.

A etnografia de tela une o método etnográfico somado aos critérios de análise fílmica. A diferença dessa metodologia é considerar relevante o aspecto antropológico do cinema. Nesse sentido, o contexto de produção e do realizador tornam-se importantes para o estudo da obra.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pretende-se aqui aplicar um estudo etnográfico de tela da obra cinematográfica ficcional *M8- Quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019) e fazer uma relação com o conceito apresentado por Almeida (2019) sobre racismo estrutural.

Durante o processo de escolha do filme analisado, foi realizada uma pesquisa prévia de obras cinematográficas sobre o tema racismo estrutural, em seguida foram pré-selecionados alguns filmes: *As filhas do vento* (Joel Zito Araújo; 2004), *Ó Paí, Ó* (Monique Gardenberg; 2007), *Mussum - Um Filme do Cacildis* (Susanna Lira; 2018), *Café com canela* (Ary Rosa, Glenda Nicácio; 2017) e *M8- Quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019). *M8- Quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019) foi escolhido por apresentar uma relação mais evidente com o tema podendo assim ter mais objetividade na etnografia de tela. Ele foi assistido várias vezes e analisado cena por cena e o registro foi feito através de um caderno de campo onde as cenas foram analisadas e escolhidas para assim serem descritas nesta presente monografia.

O filme *M8 - Quando a Morte Socorre a Vida* (Jeferson De; 2019), é um drama de suspense com sua classificação recomendada para maiores de 14 anos. O personagem Maurício, acabou de ingressar em uma renomada Universidade Federal de Medicina como aluno cotista. Na sua primeira aula de anatomia ele conhece M8, o cadáver que servirá de estudo para ele e seus colegas de classe. Durante todo o semestre o mistério sobre a história e identidade do corpo só poderá ser solucionado depois que Mauricio enfrentar seus próprios conflitos.

Tendo em conta a abrangência da temática abordada e a necessidade de pontuar aspectos relevantes presentes no filme, optamos por selecionar cinco cenas.

Quadro 1- Cenas do filme M8 selecionadas para análise

CENA	TEMPO	DESCRIÇÃO
<p>Primeiro dia de aula de Maurício</p> 	00:02:44 – 00:09:17	Maurício chega atrasado ao laboratório de anatomia e percebemos que ele é o único aluno negro da sala e que dentre os cadáveres apenas um é branco.
<p>Conversa com funcionários</p> 	00:22:56 – 00:24:15	Maurício faz algumas reflexões com os funcionários da Universidade. Primeiro questiona se eles já tiveram interesse sobre a história dos cadáveres no laboratório e segundo fala sobre como ele se percebe com mais semelhanças com os corpos do que com seus colegas de classe.
<p>Abordagem policial</p> 	00:46:03 – 00:47:56	Após sair de uma festa em um bairro nobre do RJ Maurício é vítima de uma abordagem policial como suspeito de assalto. Ele é agredido pelo policial e questionado que não deveria estar no “bairro de playboy” naquele horário.
<p>Conversa entre mãe e filho</p> 	01:05:47 – 01:09:20	Cida, mãe de Maurício, o questiona sobre seu comportamento nos últimos tempos e ela o confronta exemplificando toda sua trajetória e luta como uma mulher negra, periférica e mãe solo em uma sociedade preconceituosa.
<p>Enterro do M8</p> 	01:16:11 – 01:18:53	Durante o enterro do M8 seu caixão é passado pelas mãos das mães enquanto falam os nomes dos filhos desaparecidos.

Fonte: Dados da autora, extraídos do filme M8

4.1 ETNOGRAFIA DE TELA DAS CENAS

4.1.1 C1 - Primeiro dia de aula de Maurício

O filme se inicia com o personagem principal Mauricio, jovem negro, com uma mochila nas costas ouvindo o rap *Ponta de Lança* (Rincon Sapiência, 2017) em fones de ouvido enquanto sobe as escadas da universidade correndo. A construção dessa primeira cena foi extremamente importante, pois normalmente quando um jovem negro é retratado correndo em um filme brasileiro ele está fugindo da polícia ou envolvido com o tráfico de drogas, e no decorrer da cena percebemos que Mauricio corre à procura do laboratório de anatomia onde está atrasado para seu primeiro dia de aula. Ao longo do caminho até o laboratório todas as pessoas que ele encontra são brancas. A mesma coisa acontece em sala de aula. Quando Mauricio entra na sala o professor está falando do polímata Leonardo da Vinci e como ele estudou e classificou várias partes do corpo humano no século XVI, na Europa, em comparação à nossa civilização onde, segundo ele, “nossos índios ainda caminhavam seminus nessas terras sem males”. Com essa frase ele fez uma analogia entre os europeus e os nativos brasileiros, afirmando que os povos originários do Brasil eram menos desenvolvidos. Porém, segundo o Museu do Índio:

“Embora a humanidade tenha criado objetos bastante semelhantes, cada povo, ou grupo étnico, com seu jeito de viver, inteligência e criatividade, tem desenvolvido tendências próprias, objetos e técnicas totalmente distintas de outros grupos. Assim, a diversidade se faz presente, pois cada povo construiu, através de sua unidade política, econômica e religiosa, bem como de sua língua e forma de sociabilidade, a sua especificidade, o que o torna único e diferente dos demais (MUSEU DO INDIO,2021).”³

No final da aula, enquanto todos os alunos saem da sala, dois funcionários negros responsáveis pela organização do laboratório entram e observam Mauricio e Gustavo, seu colega de sala, conversando. Nesse

³ O texto pode ser lido na íntegra através do link: <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/237-tecnologia-e-cultura-material>

momento Gustavo pergunta a Mauricio se ele sabe onde pode deixar seus instrumentos, Mauricio o responde que não, amistosamente. Porém, Gustavo insiste perguntando se ele não conhece alguém na secretaria que pudesse ajudar. Nesse momento Mauricio muda o tom e passa a ser mais imponente dizendo que não está entendendo. Gustavo então se desculpa e pergunta se Mauricio trabalha na universidade. Mauricio, ironicamente, responde que não e sai da sala seguido por Gustavo. Ao fundo os funcionários que observavam toda a conversa enquanto colocam os cadáveres dentro dos tanques de formol. Ao longo de todo o filme observamos os olhares preconceituosos de Gustavo e várias situações de racismo com tom de piada, como por exemplo quando Mauricio está sendo elogiado pelo professor por suas habilidades com o bisturi e Gustavo afirma que ele tem futuro como açougueiro, buscando sempre diminuir Mauricio. Por fim, vemos os colegas de classe de Mauricio entrando em seus carros enquanto Mauricio volta para casa de ônibus, com um funcionário da universidade. Ao sentar-se no ônibus recebe olhares preconceituosos de uma senhora que está ao seu lado. Nessa sequência podemos observar vários seguimentos de racismo estrutural. Vemos que Mauricio, ao chegar na universidade, se depara com a realidade de ser o único aluno negro, mostrando que ele é claramente uma minoria naquele ambiente. Enquanto a maioria dos corpos utilizados para as aulas de anatomia são de pessoas negras que não tem passado nem nome e são usados como objetos a serem descartados após o uso. Também percebemos o professor desdenhando da capacidade dos indígenas brasileiros, comparando aos europeus de um jeito bem-humorado, chegando a lembrar os iluministas citados anteriormente no capítulo Racismo Estrutural. O humor é comumente usado para desfazer o racismo. Gustavo é mostrado como o brincalhão da turma e sempre usa desse artifício para humilhar e desmerecer o desempenho de Mauricio nas aulas, como se ele não merecesse estar no mesmo ambiente que ele.

4.1.2 C2- Conversa com funcionários

Nessa cena Mauricio expressa com palavras todo sentimento que estava guardado e que, até então, nós só conseguíamos ver através dos seus olhares e expressões faciais. Ao mesmo tempo que Mauricio estava feliz por estar cursando medicina ele estava se sentindo deslocado. E isso fez com que ele se identificasse com os cadáveres da sua aula de anatomia, por teoricamente terem histórias parecidas. Isso o deixa ainda mais curioso em descobrir a origem desses corpos, em especial a do M8, com o qual tem uma estranha ligação espiritual. Isso o deixa ainda mais determinado em busca de respostas, mesmo com o conselho dos funcionários desmotivando-o dessa busca. Enquanto aos funcionários, não é que eles não pensem nas histórias daqueles corpos e sim que estão mais preocupados em sobreviver e em manter os seus empregos, por isso preferem não se envolver. Isso é muito comum em uma sociedade racista que foi construída através do colonialismo como vimos nos subcapítulos *Colonialismo e Racismo Estrutural no Brasil*. A classe econômica mais baixa do Brasil é composta em sua maioria por pessoas negras, muitas vezes submetidas a situações preconceituosas que os diminuem, porém não tem tempo nem ferramentas para lutar por seus direitos e acabam se prejudicando. Assim, esses personagens do filme não querem e aconselham Mauricio a não se envolver com a história desses corpos. Exemplo disso é que em outra cena Mauricio reencontra os dois novamente no laboratório de anatomia e Sinvaldo, um dos funcionários, o questiona sobre o que o está preocupando, se ele “tomou um pé na bunda da branquinha ou tá pegado com o galego folgado.” Isso mostra que os dois estão acompanhando todos os acontecimentos vividos por Mauricio na universidade. E Sá, outro funcionário da universidade, ainda afirma para ele “Qual foi rapaz? Entrou aqui para ser médico não foi? Se o pau tá cantando aqui pra você, você tem que segurar a sua onda.” Mauricio diz que está bem, porém, Sinvaldo insiste: “Se tu falar que quer desistir de ser médico, te meto a porrada, hein?”. Vemos que na fala dos dois existe uma preocupação e orgulho na posição que Mauricio ocupa, pois os dois expressam que querem ver o jovem se formar como

médico, independente dos conflitos que está passando. No filme, Sinvaldo, Sá e Ilza são uma manifestação de uma rede de proteção e acolhimento para Mauricio dentro da universidade, em detrimento ao racismo estrutural que ele sofre ao longo do filme, e é através dessa rede que ele consegue se proteger e buscar respostas para seus conflitos.

4.1.3 C3 - Abordagem policial

Essa cena é uma das mais reais do filme e me fez lembrar um caso real recentemente noticiado pelo portal G1: um ciclista negro foi abordado por policiais militares em um parque no Distrito Federal, eles já desceram do carro apontando armas contra um jovem negro e gritando para ele colocar a mão na cabeça. Enquanto ele questionava o motivo por estar sendo tratado dessa maneira o policial gritava que era o procedimento, se o jovem não estivesse gravando um vídeo para seu canal no YouTube essa história seria só mais um caso da violência policial decorrente de racismo que ninguém saberia.

Exemplificamos esse caso real para fazermos um paralelo com a cena do filme e tentarmos provar como esse tem sido um procedimento “padrão” entre os policiais. Porém, é sempre tratado como um caso “isolado” perante as autoridades policiais. Na pesquisa *A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais*, feita pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública em 2014, diz que:

“A filtragem racial torna-se evidente nos dados da letalidade policial. Comparandose essas taxas, dentro de cada grupo de cor/raça das vítimas, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, constata-se a desproporção entre vítimas brancas e negras. Nos estados em que a letalidade policial é maior, Rio de Janeiro e São Paulo, também é maior a discrepância entre negros e brancos mortos pela polícia (Coleção Pensando a Segurança vol 5, 2014).”

“Contudo, ainda que a prática da filtragem racial seja negada entre os interlocutores, muitos dos elementos que compõem a chamada fundada suspeita remetem a um grupo social específico,

caracterizado pela faixa etária, pertença territorial e que exibe signos de um estilo de vestir, andar e falar que reivindica aspectos da cultura negra, e que é, em muitos casos, também constituinte de uma cultura “da periferia”. Conforme atestam os depoimentos, a vestimenta e a postura corporal são consideradas indícios empíricos a fundamentar a suspeita policial. (Coleção Pensando a Segurança vol 5, 2014)”

Tendo todos esses dados e exemplos, incluindo os antes já citados no tópico *Racismo Estrutural no Brasil*, podemos ver que a representação da abordagem policial no filme não foi exagerada e sim um reflexo de uma realidade vivida constantemente por pessoas negras.

Na cena, os policiais já chegam gritando e agredindo Mauricio, física e verbalmente. Enquanto o policial branco dá uma coronhada na cabeça e imobiliza o jovem de maneira desproporcional, o policial negro se dirige a ele de maneira agressiva. Porém, ele muda o tom ao falar com Suzana, que se aproxima tentando defender Mauricio, afirmando que o procedimento é rotina. Vemos claramente uma mudança de tratamento e de tom de voz dos policiais quando outros amigos de Mauricio se aproximam e o policial branco rapidamente retira o pé de cima do pescoço dele que nesse momento está deitado de bruços no chão com as mãos imobilizadas. Então eles dizem que estão atendendo um chamado de assalto e achou que ali seria o endereço certo. Claramente eles supuseram que Mauricio seria um assaltante, isso se confirma com o diálogo a seguir, em que o policial negro chama Mauricio para devolver seus documentos e fala:

- Porra, Mauricio! Tá dando mole, rapaz?

Enquanto esfrega o dedo sobre sua pele negra ele diz:

- Aqui a essa hora da noite em bairro de playboy, porra?

- Depois some aí. Como é que vai ser? Hein?

- Se liga! Eu vou te liberar porque eu gostei de você, tá?

Mauricio o encara em silêncio com um olhar de fúria e raiva enquanto o sangue escorre pelo seu rosto e o policial segue falando:

- Fica com a cara boa, parece ser um moleque sangue bom. Vai lá!

Então ele se dirige à plateia dos amigos do Mauricio que acompanham toda a cena e fala:

- Boa noite senhores, desculpem o transtorno.
- Valeu Mauricio.

Percebemos com esse monólogo do policial negro vários casos de racismo, primeiro quando ele afirma que Mauricio não deveria estar naquele bairro a àquela hora, por ser um bairro de “playboy”, ou seja, ele não se encaixava àquele local pela cor de sua pele, enfatizado pelo gesto do policial e por isso seria suspeito por ser negro. Em seguida ele fala: - Depois some aí. Como é que vai ser? Hein? Podemos ligar essa fala com as cenas das mães que buscam seus filhos desaparecidos e as estatísticas anteriormente citadas. Enquanto isso Mauricio tem que passar por todas essas humilhações calado, pois se ele falar alguma coisa pode acabar virando estatística. Percebemos que o policial se despede e se desculpa amistosamente da “plateia” de pessoas brancas e de classe média, enquanto Mauricio sempre é tratado com hostilidade. Por fim, vemos Mauricio ir embora com raiva no olhar, se sentindo humilhado por ter passado por aquela situação diante de seus colegas de classe, que provavelmente nunca passaram por não estarem na filtragem racial de suspeitos da polícia.

4.1.4 C4 - Conversa entre mãe e filho

Nessa cena vemos um forte posicionamento de Cida, mãe de Mauricio, quando ela o questiona sobre seu comportamento nos últimos tempos, vemos um forte e emocionante depoimento de uma mulher negra, periférica e mãe solo diante de uma sociedade preconceituosa. Quando Mauricio chega com a mão machucada em casa, Cida o questiona sobre o que ele está fazendo com sua vida, pois em uma cena anterior ele chega em casa com a cabeça machucada, porém, ele não conta à sua mãe que foi durante uma abordagem policial e agora chega em casa com a mão machucada por ter tido um acesso

de raiva na faculdade e esmurrado uma parede. Preocupada pela falta de comunicação com o filho, Cida insiste em obter respostas.

Então Mauricio a responde de maneira agressiva e debochada esperando que sua mãe parasse de questioná-lo. Porém, o resultado é diferente e Cida se impõe diante do filho dizendo:

- Desde quando você fala assim comigo, menino?

- Você pensa que eu não sei o quanto é difícil para você? pensa?

- Eu sei disso porque estou nesse mundo há mais tempo que você, viu, rapaz?

- Tá aí se achando o homem negro forte. De onde você acha que veio?

Mauricio então responde:

- Mãe, você não tem noção de como é na faculdade. A senhora não tem noção de tudo que está acontecendo...

Cida o interrompe:

- Cala sua boca! Cala sua boca que eu sou a sua mãe! Cala sua boca que eu sou uma mulher preta falando! Não me interrompa!

Essa primeira parte do diálogo mostra a força de Cida e como ela se impõe diante do filho, que parece estar sofrendo. Porém, ela demonstra para ele sua força e que, apesar dele está tentando ser um homem forte, ela diz para ele que além de ser a sua mãe, ela é uma mulher preta e já passou por muitos percalços em sua vida e não admite ser calada ou silenciada. A segunda parte do diálogo é, em nosso entendimento, ainda mais forte. Cida se senta à mesa com Mauricio e fala que *“pode não saber exatamente o que ele tem vivido, mas que sabe muito bem qual é a sensação de baixar a cabeça, se amedrontar e de querer desistir, de acreditar que esse não é seu lugar.”* Essas palavras demonstram muita dor e força, também representados no olhar de Cida, na disposição de seus braços em cima da mesa com o corpo inclinado para frente ao falar encarando Mauricio, que nesse momento chora sem parar sem conseguir olhar para ela.

Cida continua seu discurso e fala para Mauricio como começou trabalhando como faxineira em um hospital e estudava para ser técnica em

enfermagem enquanto era mãe solo e que todo esse esforço foi para fazer o melhor para ele e o único lugar que encontrava força era em sua espiritualidade, pois não tinha ninguém que lhe desse apoio. Essa é a realidade de muitas mães negras do Brasil. Segundo o IBGE, no país existem cerca de 7,4 milhões de famílias compostas por mães solo negras. O IBGE ainda aponta que o rendimento salarial das mulheres negras são os mais baixos do país. Elas ganham em média R\$ 1.394 por mês, os homens brancos ganham mais que o dobro, as mulheres brancas ganham 70% a mais e os homens negros 26% a mais. Isso só mostra a discrepância na realidade política social e como essa realidade tem uma base racista.

E para finalizar, Cida diz para Mauricio que, apesar das dificuldades, ela não desiste, continua lutando perante a sociedade e não abaixa a cabeça. E o caminho que ele vai escolher só depende dele, pois ela não teve a oportunidade de escolher. Em nosso país a mulher negra está na base da pirâmide. Uma mulher preta precisa lutar mais que qualquer um para conseguir sobreviver em uma sociedade machista e racista como a nossa. E Cida exemplifica em sua fala a realidade que muitas mães solo, negras e periféricas vivem cotidianamente. É por isso que suas palavras são tão fortes e emocionantes.

4.1.5 C5 - Enterro do M8

A cena se inicia com um carro funerário entrando no cemitério. Quando o carro estaciona vemos o motorista descer do carro com um olhar de curiosidade e surpresa. Ele tira o corpo do carro com a ajuda de Mauricio e Domingos. Os três demonstram um semblante sério e ao mesmo tempo emocionado. Domingos parece emocionado e um pouco sem jeito, o motorista fecha seus olhos e abaixa a cabeça passando o caixão para Mauricio, que está na posição central segurando o caixão. Ele se mantém com um olhar firme e emocionado enquanto o caixão com o corpo do M8 é passado entre as mãos das mães. A mãe de santo, junto a Cida e Ilza, faz a liturgia de despedida. Essa cena tem ligação direta com a ancestralidade do povo negro. No livro a

qual o filme foi adaptado os personagens seguiam a religião católica. Porém, durante o desenvolvimento do roteiro, o escritor Paulo Lins, conhecido por escrever o livro *Cidade de Deus*, trouxe a ideia de adaptar para a Umbanda. E ela se mostra sempre presente ao longo do filme, através da relação entre Mauricio e sua mãe.

A cena segue e as vozes das mães ecoam o nome de seus filhos desaparecidos, como se através da liturgia de despedida do M8 elas finalmente conseguissem se despedir de seus filhos em um momento antinatural. O plano da câmera vai abrindo e os nomes dos jovens negros continuam ecoando enquanto vemos as mães em volta do caixão do M8 e Mauricio, ao longe, observando tudo quase como se fosse um ritual pessoal de despedida. A cena se encerra com uma tela preta. Essa cena tem uma conexão muito forte com a realidade. Pelos dados apresentados anteriormente nos subcapítulos Colonialismo e Racismo Estrutural no Brasil, o corpo negro é marginalizado e subjugado pela sociedade. No próprio filme é relatado que a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil e muitos deles continuam desaparecidos, por isso essa cena é tão forte e por isso o enterro do M8 era tão necessário, tanto para o Mauricio como também para todas aquelas mães presentes no enterro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a obra fílmica fictícia *M8 – quando a morte socorre a vida* (Jeferson De; 2019) apresentou situações de racismo estrutural da sua primeira cena até a última, mencionando a palavra racismo apenas uma vez ao longo de todo o filme. Através da pesquisa buscamos refletir, problematizando sobre o racismo estrutural. Vimos como o conceito de raça foi criado na Europa e como a visão iluminista e eugenista são responsáveis pela conceptualização de racismo que se reproduz até hoje. Vimos também como o colonialismo e o mito da democracia racial foram responsáveis pela construção da sociedade brasileira, onde o povo preto foi escravizado, marginalizado e subjugado e depois de conseguir sua liberdade foi completamente deixado à margem da sociedade, sem políticas públicas ou incentivo, aumentando a desigualdade entre os povos.

No cinema brasileiro vimos que o negro só veio ganhar espaço na década de 1990, com a ascensão da “classe média negra” e com a organização dos movimentos sociais negros. Com a publicação do manifesto Dogma Feijoadá, no ano 2000, a representação do negro no cinema nacional ganhou mais espaço e visibilidade, colocando-os como protagonistas e desfolclorizando os personagens que antes eram direcionados a eles.

No Brasil, na década de 1930, foi amplamente discutido o uso do cinema como uma ferramenta de ensino nas escolas pelos professores, intelectuais e o governo. Esse debate levou a criação do Instituto Nacional De Cinema Educativo (INCE) que é destinado à produção de filmes educativos. Isso proporcionou uma mudança significativa e o cinema continuou sendo utilizado em sala de aula de forma expressiva com a inclusão da Lei 13.006/2014.

O cinema nacional pode ser usado como uma importante ferramenta criada pelo povo preto para inserir fatos históricos e tentar desmitificar o estereótipo do negro, sempre visto nos papéis de bandido, escravo, empregada doméstica ou folclorizado.

Inserir o cinema negro nos currículos escolares tem o objetivo de desconstruir o racismo e preconceitos no âmbito escolar, falando de questões de respeito às diferenças, buscando o reconhecimento da Lei Federal 10.639/003, inserindo propostas de várias atividades fora e dentro do âmbito escolar, propondo divulgar aos alunos a cultura de matriz africana e assim construir um espaço onde os estudantes discutam sobre relações étnico-raciais. Através do cinema podemos desenvolver caminhos para que os educadores possam construir um espaço de debates e reflexões com essa temática, propondo que seja uma ferramenta de comunicação para estimular o debate nas escolas e construir um entendimento da identidade e da cultura do povo negro Brasileiro. Através de sua história, conquistas e dilemas, os filmes selecionados podem exemplificar a luta e história do movimento negro do Brasil e assim gerar debates e reflexões sobre a temática.

Durante o decorrer da pesquisa se apresentou algumas dificuldades. A principal delas foi que o conteúdo é muito extenso e como um texto de monografia é um projeto mais resumido, não podemos abordar todos os tópicos da pesquisa de maneira mais aprofundada, como por exemplo os aspectos técnicos, durante as filmagens foi abolido o tripé então o filme apresenta vários planos sequenciais, a entrevista realizada com o diretor do filme Jeferson De. Quando obtive resposta dele já estava no prazo de conclusão da pesquisa. Por esses dois motivos não foi possível incluir a entrevista. Nela ele fala sobre a estética do filme e como a fotografia foi inspirada nos artistas plástico *Chris Ofili* e *Kerry James Marshall*, sobre sua percepção do racismo estrutural representado no filme. Deixando em aberto ao diálogo para questionamentos futuros. Porém, ela será utilizada em futuros artigos e projetos de especialização, onde pretendemos nos aprofundar sobre o tema que, ao nosso ver, é de extrema importância para a academia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANDRADE, Érico. **A opacidade do iluminismo: o racismo na filosofia moderna.** Kriterion: Revista de Filosofia. 2017

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil. O negro na telenovela brasileira.** São Paulo: SENAC, 2000.

BORGES, R. C. da S.; VENTURA, H.; OLIVEIRA, S. S. R. de. **Cinema Negro na educação antirracista: uma possibilidade de reeducação do olhar.** Revista Teias, Rio de Janeiro, n.20, 2020.

BRASIL. **Lei 10.639, 2003, arts. 26-A, 79-A e 79-B.** Brasília – DF, janeiro de 2003.

COLINS, Alfredo Taunay; LIMA, Morgana Gama de. **Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica.** AVANCA | CINEMA 2020.

CAPARRÓS, Josep María; ROSA, Lera Cristina Souza da. **Cinema na escola: uma metodologia para o ensino de história.** Educ. foco, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul. / out. 2013

CARVALHO, Noel dos Santos; DOMINGUES, Petrônio. **DOGMA FEIJOADA A INVENÇÃO DO CINEMA NEGRO BRASILEIRO.** Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2018, vol.33, n.96, e339612. Epub Dec 07, 2017. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.17666/339612/2018>.

Carvalho, Noel dos Santos e Domingues, Petrônio. **A representação do negro em dois manifestos do cinema brasileiro.** Estudos Avançados [online]. 2017, v. 31, n. 89 [Acessado 20 de Setembro 2021] , pp. 377-394. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890027>>.ISSN 1806-9592. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890027>.

DE, Jeferson. **Dogma feijoada - o cinema negro brasileiro**. São Paulo. Imprensa Oficial, 2005.

FIGUEIREDO, Angela. **Classe média negra: trajetórias e perfis**. Salvador, EDUFBA 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada, “**A Máscara,**” **Biblioteca do Comum**, acesso em 7 de agosto de 2021, <http://www.bibliotecadocomum.org/items/show/90>.

MARIUZZO, Patrícia. **Atlas do comércio transatlântico de escravos**. *Cienc. Cult.* [online]. 2011, vol.63, n.1, pp.59-61. ISSN 0009-6725. <http://dx.doi.org/10.21800/S0009-67252011000100021>.

MARINGONI, Gilberto. **O destino dos negros após a Abolição**. IPEA: 2011. Ano 8. Edição 70.

MENESES, M. P. **Colonialismo como violência: a ‘missão civilizadora’ de Portugal em Moçambique**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Número especial, p. 115-140, 2018.

MUNANGA, Kabengele . **Negritude: Usos e Sentidos**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.

NEVES, David. **O cinema de assunto e autor negros no Brasil. Cadernos Brasileiros: 80 anos de abolição**. Rio de Janeiro: Ed. Cadernos Brasileiros, ano 10, n. 47, p. 75-81, 1968.

OLIVEIRA, Keila Souza de. **A dimensão pedagógica do Cinema Negro: articulações sobre a Lei 10.639/03 e a imagem de afirmação positiva do negro**. 2015. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá, 2015.

OUTHWAITE, William; BUTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves; Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. *Horizontes Antropológicos* [online]. 2014, v. 20, n. 42 [Acessado 7 agosto 2021], pp. 377-391.

PEREIRA, Miguel Baptista - **Modernidade, Racismo e Ética pós-convencional**. "Revista Filosófica de Coimbra". ISSN 0872-0851. Vol. 2, nº 3 (1993).

PRAXEDES, R. (2019). **Classe média negra no Brasil: negros em ascensão social**. *Revista Espaço Acadêmico*, 2(20).

PRUDENTE, Celso. **Cinema negro: pontos reflexivos para a compreensão da importância da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora**. Revista Palmares. Cultura Afro-brasileira, Brasília, n. 3, p. 48-50, 2006.

RIAL, C. **Guerra de imagens, imagens da guerra**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 47, p. 324–350, 2016.

SANTOS, S. A.; RIBEIRO, C. M. . **ELE, O BOTO?: ANÁLISES A PARTIR DA ETNOGRAFIA DE TELA**. In: VII Seminário Corpo e Gênero, III Seminário Internacional Corpo e Gênero, III Luso-brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018, Rio Grande do Sul. VII Seminário Corpo e Gênero, III Seminário Internacional Corpo e Gênero, III Luso-brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Negritude, Cinema e Educação: Caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003**. Mazza Edições; 1ª ed. 1 Janeiro 2011.

STAM, Robert. **Multiculturalismo tropical – uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2008.

XAVIER, Rosa Samara Silveira. **Em Busca De Uma Educação Antirracista Através Da Arte A Representação Do Universo Negro Na Escola**. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 3, n. 2, 2014.